



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

THIAGO DE OLIVEIRA SOUZA

**A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS PARA O
ENFRENTAMENTO DOS PRECONCEITOS LINGÜÍSTICOS E SOCIAIS**

**GUARABIRA - PB
2019**

THIAGO DE OLIVEIRA SOUZA

**A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS PARA O
ENFRENTAMENTO DOS PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS E SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes

**GUARABIRA - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719i Souza, Thiago de Oliveira.
A importância dos estudos sociolinguísticos para o enfrentamento dos preceitos linguísticos e sociais [manuscrito] / Thiago de Oliveira Souza. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Sociolinguística. 2. Variação Linguística. 3. Preconceito Linguístico. 4. Ensino. I. Título

21. ed. CDD 306.44

THIAGO DE OLIVEIRA SOUZA

A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS PARA O
ENFRENTAMENTO DOS PRECONCEITOS LINGÜÍSTICOS E SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras – Português, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado
em Letras – Português.

Aprovado em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Aldemir Delfino Lopes
Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Karla Valéria Araújo Silva
Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Me. Rafael Alves de Oliveira
Universidade Federal do Pernambuco (UFPE)

A toda a minha Família, principalmente, a (Família materna), que sempre me apoiou e acreditou em minha capacidade, DEDICO!

“É preciso que o docente se conscientize a respeito da importância de trabalhar Língua Portuguesa, assim como faz o linguista, ressaltando as regras que são, de fato, utilizadas pelos falantes, procurando descrevê-las e explicá-las.”

(Danielle Coppi, 2014)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA.....	10
2.1 Como surgiram os estudos sociolinguísticos	10
2.2 Objeto de estudo da Sociolinguística.....	11
2.3 Variação linguística	13
2.4 Preconceito linguístico.....	15
3 A SOCIOLINGUÍSTICA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS PARA O ENFRENTAMENTO DOS PRECONCEITOS LINGÜÍSTICOS E SOCIAIS

THE IMPORTANCE OF SOCIOLINGUISTIC STUDIES FOR THE CONFRONTATION OF LINGUISTIC AND SOCIAL PREJUDICE

Thiago de Oliveira Souza*

RESUMO

A sociolinguística é um ramo da linguística, ela se ocupa em evidenciar a dinamicidade da língua e as interferências sociais que motivam a sua variação. Sabe-se que a variação linguística existe e é um tema que precisa ser desenvolvido em sala de aula, principalmente, com a intenção de acabar o preconceito linguístico, que infelizmente, ainda percorre em pleno século XXI. O presente artigo tem por objetivo analisar vários fatores sobre o estudo da Sociolinguística, mostrando quais foram os principais motivos que influenciaram inúmeras pessoas a fazerem o uso da diversidade linguística, e que por meio disso tem causando muita discriminação social aos usuários que fazem uso dessa variante. Nesse sentido, esta pesquisa buscou relacionar diversos conceitos sobre a Sociolinguística e preconceito linguístico, bem como a importância dos estudos Sociolinguísticos para o enfrentamento dos preconceitos linguísticos e sociais apresentado como problema de pesquisa. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, com base em um estudo comparativo do conteúdo das obras de diferentes autores como: Antunes (2003), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Marcuschi (1997), Possenti (1996), Faraco (2003), Martelotta (2009), Labov (2007) entre outros.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Preconceito Linguístico. Ensino.

ABSTRACT

Sociolinguistics is a branch of linguistics that is interested in the study of spoken language. It is known that linguistic variation exists and is a theme that needs to be developed in the classroom, especially with the intention of ending the linguistic prejudice, which unfortunately still runs through the 21st century. This article aims to analyze several factors about the study of sociolinguistics, showing which were the main reasons that influenced countless people to make use of linguistic diversity, and that has thus caused much social discrimination to users who use this variant. In this sense, this research sought to relate various concepts about sociolinguistics and linguistic prejudice. The importance of sociolinguistic studies for the confrontation of linguistic and social prejudice presented as a research problem. Therefore, based on a comparative study of the content of works by different authors such as: Antunes (2003), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Marcuschi (1997), Possenti (1996), Faraco (2003), Martelotta (2009) Labov (2007) and others.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Linguistic Prejudice. Teaching.

* Aluno de graduação em Letras (habilitação em Língua Portuguesa) da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. E-mail: thiagodesouzapb@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O que seria o campo de estudos denominado Sociolinguística? Segundo Etto e Carlos (2018), essa expressão apareceu por volta do ano de 1939, mas foi em torno dos anos de 1960 que começou a se consolidar através dos estudos do norte-americano William Labov. Entretanto, vale destacar que as primeiras pesquisas nessa abordagem começaram através dos autores William Bright (1966) e Fishman (1972), segundo Barbosa (2008).

A Sociolinguística é um ramo da Linguística que se interessa, sobretudo, pelo estudo da língua falada, em contextos reais de interação, descreve Labov (2007), principalmente em comunidades de fala que apresentam diferenças linguísticas em relação ao que se considera padrão. Dessa forma, o sociolinguista procura estudar quais foram os fatores que levaram a essa diversidade linguística.

Este trabalho tem o objetivo de abordar sobre a importância dos estudos sociolinguísticos para o enfrentamento dos preconceitos linguísticos e sociais. Tema esse que ainda é pouco discutido em sala de aula. Assim sendo, esse estudo pretende apontar que é viável estimular a importância dos educadores para o estudo da gramática, através de atividade com as diversidades linguísticas, mostrando que ambas devem caminhar juntas para que, assim, o aluno possa ter um melhor desempenho e, por outro lado, o preconceito linguístico, que também é social, seja erradicado.

Como fundamentação teórica, buscamos os estudos de alguns autores que se dedicam à temática, como Antunes (2003; 2007), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Marcuschi (1997), Possenti (1996), Faraco (2003), Martelotta (2009), Labov (2007), dentre outros. Pretendemos compreender como é percebido o ensino-aprendizagem a partir de uma abordagem sociolinguística, sem negar o lugar da gramática. Infelizmente, ainda existem diversos fatores que influenciam negativamente na aprendizagem dos alunos, como seu contexto de convívio social até o emprego de metodologias ultrapassadas por parte de alguns professores.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2002, p. 44), é aquela “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA

2.1 Como surgiram os estudos sociolinguísticos

Fazer o percurso histórico dos estudos sociolinguísticos é uma atividade que requer bastante disposição, uma vez que é grande a quantidade de material a ser pesquisado. De acordo com Etto e Carlos (2018, p. 16), “[...] o termo ‘sociolinguística’ surgiu no ano de 1939, no artigo *Sociolinguistics in India*”. E, conforme Cezário e Votre (2009), a palavra sociolinguística aparece pela primeira vez nos anos 1950, entretanto, se fortalece nos Estados Unidos na década de 60, principalmente com as elaborações de William Labov.

Para Barbosa (2008), os primeiros estudos sociolinguísticos ocorreram através dos autores William Bright (1966) e Fishman (1972). Dando Continuidade às pesquisas de Bright, o linguista norte-americano William Labov (1972) passa a caracterizar a diversidade linguística. Labov, além de ser um dos nomes mais lembrados nesse campo de estudo, é considerado o pai da sociolinguística variacionista.

Conforme Etto e Carlos (2018, p. 17),

[...] a partir de 1960, após conceitos e teorias de vários estudiosos da linguagem, que a Sociolinguística reivindicou sua posição de campo específico de estudo e acabou apresentando duas vertentes distintas para se referir a essa área que correlaciona língua e sociedade. Uma delas denominou-se Sociolinguística, propriamente dita, na qual linguistas e antropólogos teriam como objetivo a descrição e análise da língua na sua relação direta com fatores sociais, ou seja, a influência de elementos socioculturais no fenômeno linguístico.

Embora a década de 1960 seja lembrada como marco fundador da Sociolinguística, isso não quer dizer que não houvesse interesse por estudar a relação da língua com a sociedade antes dessa época.

Embora Ferdinand Saussure, fundador da linguística Moderna, não desconhecasse o aspecto social da língua, ele afirma, em 1916, que “[...] a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 271). Inúmeros pesquisadores se dedicaram a mostrar que, mesmo sendo um sistema, a língua é viva, e como todo organismo vivo, ela também está em constante processo de mudança.

Para Silva (2018), Labov é autor da maior parte da metodologia sociolinguística, “Umas de suas principais ideias é de que a variação inerente à língua, sendo não só natural, mas também necessária para o funcionamento da linguagem humana” (p. 18). Assim sendo, é possível perceber a importância que teve Labov com relação aos estudos sociolinguísticos, pois foi um dos estudiosos que mais se aprofundou na área.

Em entrevista a uma revista, Labov (2007) fala que, desde quando começou na linguística, sempre tinha a pretensão de uma transição para a área mais científica, analisando como os indivíduos costumavam utilizar a língua no dia a dia. Ele entrevistava e gravava as falas dos indivíduos, e daí percebeu que a linguagem diária continha muita diversidade linguística, algo que o conceito padrão não tinha estrutura suficiente para suportar. O procedimento para explorar a diversidade e a modificação sincrônica apareceram através dessa circunstância. Mais à frente, a aprendizagem das alterações linguísticas possibilitou explicar diversos contratempos que não eram solucionados pelo olhar do sistema linguístico. Deste modo, é visível o esforço de Labov para que os estudos sociolinguísticos tivessem a cientificidade necessária.

2.2 Objeto de estudo da Sociolinguística

Segundo Labov (2007), o principal objeto de estudo da sociolinguística é a língua, pois é o meio pelo qual a população se comunica diariamente. Para Nascimento (2017), a Sociolinguística ocupa-se de estudar a linguagem expressada, relacionando-a ao ambiente social em que ela é utilizada, isto é, suas circunstâncias de uso, o que possibilita perceber as diferenças nos usos de cada grupo social.

Ainda no que diz respeito a diferenças Linguísticas, Labov (2007) fala que há diversos ramos da Sociolinguística, todos interessados por assuntos de natureza social, tais como:

[...] o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia-a-dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos (p. 2).

Diante da afirmação do autor, compreendemos que a sociolinguística se interessa por expressões verbais nas distintas diversidades de uma língua, sendo uma

de suas finalidades compreender quais foram as causas que influenciaram a diferença linguística.

Segundo Cezário e Votre (2009), o estudo busca averiguar o estágio de firmeza de um fato, se está em primórdio ou se encerrou um percurso que mostra para alteração. Para Bagno (2007), mesmo as maneiras de manifestação oral da língua têm disciplina gramatical, acompanha normas e têm um sentido linguístico, ou seja, em se tratando da linguagem cotidiana, mesmo o que aparenta ser “erro”, pode ser explicado segundo alguma regra.

Além disso, Cezário e Votre (2009) afirma que a sociolinguística analisa a língua em sua utilização, dando importância à relação entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da formação linguística.

Ainda sobre os temas de interesse da Sociolinguística, Mollica e Junior (2016, p. 114) destacam: “Um fenômeno que tem despertado grande interesse nos que estudam as relações entre linguagem e sociedade é o da identidade, embora o termo não seja assim referido na Sociolinguística dos primeiros anos”.

A Sociolinguística é um ramo da linguística, descreve Barbosa (2008), que pesquisará a língua por meio de elementos visíveis, os quais representam a diferença e a diversidade linguística. No entanto, não basta apenas definir um objeto de estudo para a Sociolinguística. Toda ciência, além de um objeto de estudo, precisa definir um método de pesquisa. Assim, em Cezário e Votre (2009), vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

A pesquisa sociolinguística tem como ponto de partida o objeto de estudo para daí construir o modelo teórico. O objeto de estudo normalmente se localiza no uso do vernáculo, ou seja, da língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com o que dizer do que com o como dizer. Trabalha-se com o falante-ouvinte real, em situações reais de linguagem. Busca-se, através do estudo das manifestações linguísticas concretas, descrever e explicar o fenômeno da linguagem (CEZÁRIO E VOTRE, 2009, p. 149).

Diante do que foi apresentado, visivelmente, percebe-se que a pesquisa sociolinguística tem como início o fenômeno, isto é, as diferenças linguísticas, para assim produzir o formato teórico. Conforme, Cezário e Votre (2009), o estudo das normas de alteração e modificação deixa determinar três categorias da variação linguística: primeiro é a variação regional (diatópica), ligada a diferenças linguísticas por localidade geográfica; a variação social (diastrática), ligada a dessemelhança entre grupos sociais, por exemplo, entre pessoas de diferentes níveis de escolaridade;

e a variação de registro (diafásica), o falante adequa seu comportamento linguístico a partir do grau de formalidade do ambiente interacional.

Sobre o trabalho do sociolinguista, Cezário e Votre (2009) esclarece:

O sociolinguista procura recolher um grande número de dados através da gravação em fitas magnetofônicas de um número considerável de informantes. Hoje todos os tipos de produção lingüística são gravados. Na busca da fala menos monitorada, costuma-se pedir aos informantes para produzirem narrativas de experiência pessoal, para que o envolvimento emocional com o assunto narrado os fizesse produzir um discurso espontâneo, informal. Os informantes escolhidos são aqueles nascidos e criados na comunidade a ser estudada ou aqueles que aí vivem desde os 5 anos de idade. O ideal é que se formem células de dados com o mesmo número de informantes: dois sexos (cada qual com o mesmo número de informantes); três níveis de escolaridade e quatro faixas etárias, por exemplo (CEZÁRIO E VOTRE, 2009, p. 149).

Dessa forma, podemos observar que a metodologia utilizada pelos sociolinguistas, com o objetivo de identificar as variedades linguísticas, é possível graças ao uso de recursos tecnológicos. Por meio da comparação dos dados coletados, o pesquisador pode determinar se uma determinada forma linguística está caindo em desuso, por exemplo. Para isso, a análise trabalha com duas noções de tempo, conforme esclarece Cezário e Votre (2009):

[...] É possível analisar o *tempo real* ou o *tempo aparente*. O tempo real é observado através da pesquisa de duas ou mais épocas, sendo ideal o estudo de dois momentos que se distanciam no mínimo em 12 anos e no máximo em 50 anos. O lingüista pode gravar informantes e revisitá-los anos mais tarde para ver como é o comportamento de determinadas variáveis. (CEZÁRIO E VOTRE, 2009, p. 151, grifos do autor).

Quando duas formas linguísticas convivem pacificamente, sem que uma ameace a existência da outra, estamos diante do fenômeno da variação. Por sua vez, se uma forma tende a afetar o uso de outra, chamamos esse fenômeno de mudança.

2.3 Variação linguística

O Brasil é um país marcado por grandes processos migratórios. No século XX, houve a migração de inúmeras pessoas de um estado para outro. Dentre esses processos migratórios, destaca-se o êxodo rural, ou seja, populações rurais deslocaram-se para os centros urbanos, ocasionando o contato de diferentes falares, que, às vezes, causam estranheza para alguns. Conforme Faraco (2003, p. 165): “Ainda hoje temos dificuldade de reconhecer que o português falado no Brasil é

caracterizado por imensa diversidade e avaliar essa diversidade positivamente. O sonho homogeneizador da elite do século XIX ainda nos persegue”. Além dessa forma de migração, vários habitantes mudaram-se de um estado para outro, resultando em cidades com diversas variações linguísticas

Segundo Nascimento (2017), várias transformações ocorreram com o passar do tempo. E quando se vai ler textos de épocas diferentes, acontece um impacto devido a grande diferença, pois algumas palavras deixaram de ser usadas, passando a ser denominadas de arcaicas, “outras surgem para identificar as novas realidades surgidas na sociedade: os neologismos. Nota-se a presença de várias mudanças lexicais, que, se pronunciadas hoje, a maioria dos jovens não saberia o significado das palavras” (NASCIMENTO, 2017, p. 6).

Embora sejamos um país com rica variedade linguística, a elite letrada brasileira idealizou uma sociedade bem estruturada e rejeitava a variedade linguística e étnica:

Ainda hoje dizemos – como aquela elite inventou – que somos um país monolíngue, quando, de fato, **somos um país multilíngue**: aqui são faladas aproximadamente 120 línguas indígenas, várias línguas de imigração (principalmente no centro-sul) e ainda há resquícios de línguas africanas (o que sobrou da poderosa repressão da máquina escravista) (FARACO, 2003, p. 165, grifos do autor).

Rejeitar o fato de que não existe apenas uma forma de se expressar e desconhecer as muitas influências que a língua portuguesa recebeu dessas outras línguas é, talvez, o ponto de partida para o surgimento dos preconceitos linguísticos.

Calvet (2004), falando sobre o processo de mudança linguística, expõe que essas mudanças ocorrem o tempo todo:

A linguagem sofre mudanças constantemente através do tempo, podemos citar por exemplo a palavra “Você” antigamente era Vossa Mercê que se transformou sucessivamente em Vossemecê, Vosmecê, Vancê e, com o passar do tempo, foi sendo modificada, por populações, culturas, povos diferenciados, entre várias outras palavras que ao longo do tempo vai sofrendo variações (p. 100-110).

Diante do que foi apresentado, pode-se notar que a língua nunca parou no tempo, pois as transformações ocorrem a todo momento, não se pode afirmar que a língua é algo fixo, que já foi definida e somente se pode usar isso ou aquilo sem nenhum tipo de variação, pois esse pensamento é equivocado. A língua fez e sempre fará parte da sociedade, ou melhor dizendo, a língua a todo momento caminha ao lado

do indivíduo, isto é, está aqui, está ali, está em todo lugar presente na vida da sociedade.

Sob o ponto de vista de Bagno (2007), a linguagem é bastante variada, mutável e nunca para de se desmontar e se refazer. Diferente de qualquer objeto, por exemplo, uma escultura histórica que não será alterada, a língua é uma sequência que nunca está terminada. A linguagem é uma prática comum, uma atividade comunitária, realizadas pela humanidade, seja na forma escrita ou fala. Isto o próprio Ferdinand de Saussure (2006) já afirmava:

Enquanto a linguagem é **heterogênea**, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas (SAUSSURE, 2006, p. 23, grifos nossos).

Sobre a heterogeneidade da linguagem, Paiva (2018) afirma:

[...] entendemos que os falantes/interactantes dominam a linguagem. Mesmo que cada um fale a seu modo, aproximando-se ou distanciando-se da forma socialmente prestigiada, a comunicação se realiza. As linguagens não são uniformes, homogêneas, pois são resultados das práticas sociais de seus falantes - consideremos, pois, a heterogeneidade social (PAIVA, 2018, p. 21).

Deste modo, a língua é uma fonte ilimitada, um universo sem fim, que será sempre viva enquanto o povo fizer uso dela. A transformação da língua pode se caracterizar como algo interminável, que nunca para de se moldar.

A língua é diferente de região para região, podemos tirar conclusões nas diferenças existentes no falar de certos grupos. Os indivíduos com uma melhor escolaridade se expressam diferentemente de indivíduos com menor escolaridade, “fatores como gênero, idade, estamento socioeconômico – à medida que condicionam diferentes experiências sociais e culturais – participam dos processos de diferenciação linguística” (FARACO, 2003, p. 160).

Desta forma, mesmo existindo inúmeras variedades linguísticas, de região para região, isso nunca impediu o povo de se comunicar, ao contrário, enriquece a comunicação, pois possibilita que os sujeitos tenham conhecimento das variantes, o que é algo maravilhoso.

2.4 Preconceito linguístico

Sabe-se que o preconceito, infelizmente, ainda ocorre por toda parte, em pleno século XXI. Há diversos tipos de preconceitos, um deles é o preconceito linguístico.

Segundo Santos e Romano (2015), preconceito linguístico é um modo de preconceito visivelmente endereçado a expressões linguísticas, isto é, a quem fala de maneira “errada” e não obedece à norma-padrão. Mas como falar na norma-padrão em um país marcado por enormes diferenças sociais, com classes que sequer têm acesso à escola? Segundo Coppi (2014, p. 24):

O nosso país, até meados da década de 1960, dispunha de poucas escolas, dentre as quais predominavam as da zona urbana. Os docentes e discentes que constituíam estas escolas pertenciam a classes médias e altas das cidades, assim, o acesso à escola era restrito a um grupo privilegiado.

Historicamente, as diferenças linguísticas entre as classes sociais estiveram ligadas ao fator econômico. Pobres e ricos falam diferente, pois uns e outros não tiveram as mesmas oportunidades.

Segundo Faraco (2003), a diferença linguística se torna objeto de discriminação, desse modo, os indivíduos que usam uma linguagem diferente da falada pelos mais privilegiados vão ser alvo de ofensivos preconceitos sociais, algo que os nordestinos passaram quando migraram em grande quantidade para o centro-sul e sudeste do país no século XX. O preconceito social pela forma de falar é visível e tão abusivo quanto qualquer outra forma de preconceito. Segundo Crochík (2006, *apud* ORSI, 2011, p. 30 - 31):

O preconceito é um fenômeno conhecido há muito tempo, embora seu objeto e o seu conceito tenham variado historicamente. Assim, no passado significava o juízo fundado em experiências e em decisões anteriores, mais à frente coincidia com as verdades inatas ou com a percepção preordenada aos fatos, que possibilitavam o saber. Com o primado da razão e da experiência em conflito com os dogmas religiosos da Idade Média, os preconceitos foram adversários do conhecimento quer científico, quer filosófico, quer moral, sem que a necessidade de pré-conceitos pudesse ser eliminada da busca do conhecimento ou da orientação na vida cotidiana, pois os hábitos são fundamentais para se manter a vida e se adaptar às normas de convívio social.

Deste modo, o preconceito linguístico é aplicado por pessoas a outras pessoas que falam ou até mesmo a quem escreve de maneira que é considerada “errada”, por não está obedecendo à norma-padrão, algo que, infelizmente, ainda existe atualmente e com a mesma frequência ou até mais do que aconteceu em um passado distante. O preconceito linguístico necessita ser enfrentado na escola, como defende Coppi (2014, p. 43):

De acordo com os PCN's de Língua Portuguesa, o preconceito linguístico é um problema social que precisa ser levado para escola com o objetivo de uma educação linguística com respeito e valorização das diferenças dialetais.

Porém, esta concepção esbarra muitas vezes na resistência de indivíduos que são defensores do modelo tradicional de ensino, assim como na falta de formação adequada para lidar com esse novo modelo de ensino.

Nesse mesmo sentido, Faraco (2003, p. 159) destaca:

Um caminho interessante a trilhar na luta contra o preconceito linguístico é acostumar os nossos ouvidos a captar essa grande variedade linguística regional brasileira e perceber o quanto de riqueza ela revela da nossa história e da nossa cultura.

Ainda é necessário considerar que mesmo as pessoas que se consideram mais letradas não deixam de cometer certos desvios em situações de informalidade, o que é perfeitamente compreensível, pois não nos comportamos linguisticamente sempre do mesmo modo. Erro é considerar a nossa forma de falar melhor que a do outro e, com base nisso, passar a discriminar a quem quer que seja.

3 A SOCIOLINGUÍSTICA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO

É essencial conhecer a importância que há em estudar a sociolinguística desde sua origem, principalmente, para se trabalhar em sala de aula, mostrando como era a língua e como ocorreram as transformações com o passar do tempo, levando o aluno a perceber o quanto é vasta a nossa variedade linguística. De acordo com Reis; Machado; Barbosa (2011), aprender sobre as origens da sociolinguística carrega dois benefícios: a probabilidade que se possui de se utilizar a língua de maneira essencial para a assimilação da estrutura coletiva das sociedades; a segunda colaboração vem atuar exatamente no ensino, mostrando orientações ou aprimoramentos quanto ao ensinamento da língua materna, contribuindo para reduzir as adversidades confrontadas nesse campo.

Segundo Marcuschi (1997), um dos motivos principais do desprezo pela língua falada é resultante de algumas práticas escolares, que tem perpetuado a certeza universalizada de que a instituição é o local do ensinamento da escrita. Diante da ideia do autor, é visto que ocorre uma desconsideração pela língua falada, pois todos pensam que a escola é um lugar de ensino da escrita. A escola é sim, de fato, um lugar de ensino/aprendizado de escrita como também da leitura. O problema é a qualidade do ensino, ou as condições de vida do aluno, pois há uma grande influência, conseqüentemente, de forma negativa em seu aprendizado. Antunes (2003) relata que a escola é uma representação das circunstâncias sociais:

É evidente que causas externas à escola interferem, de forma decisiva, na determinação desse resultado. A escola, como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida. No entanto, é evidente também que fatores internos à própria escola condicionam a qualidade e a relevância dos resultados alcançados. (ANTUNES, 2003, p. 20)

De acordo com Coppi (2014), os linguistas não querem que o ensino de gramática seja eliminado das escolas, mas que tenha uma nova forma de ensino, isto é, o aluno deve compreender por qual motivo é estabelecida tal norma, e saber exatamente como usá-la de forma correta, visto que o ensino tradicional, constantemente, não realiza o objetivo que lhe é concedido para deixar o aluno capacitado a usar as regras gramaticais de forma coerente.

Para Bagno (2007, p. 160, grifo do autor):

Dizer em voz alta que as formas não normatizadas **também** estão corretas é impedir que o conhecimento da norma tradicional seja usado como um instrumento de perseguição, de discriminação, de humilhação do outro, ou como uma espécie de saber esotérico, reservado para alguns iluminados de inteligência superior...

Dessa forma, a gramática é muito bem aceita pelos linguistas, como qualquer outra disciplina escolar. Mas quando se trata da maneira de ensiná-la e da metodologia utilizada, percebe-se que alguma coisa não está dando certo, pois os alunos apresentam uma enorme dificuldade de uso gramatical. A gramática, a linguística e a sociolinguística têm que caminhar juntas para assim melhorar a qualidade do ensino, e não levar o aluno a enxergar a língua como algo complexo demais para aprender, entre outros fatores.

Para Coppi (2014), inicialmente, é importante explicar as concepções de gramática, mostrando sua finalidade. Sabendo que existem várias gramáticas: tais como normativa, descritiva e a gramática internalizada. No entanto, muitas vezes, nós falantes acreditamos que existe apenas uma gramática.

Possenti (1996) afirma que a gramática normativa representa o agrupamento de normas de uma determinada língua, com isso, é a que mais se evidencia na área escolar, melhor dizendo, é utilizada como apoio restrito para a maior parte dos docentes de Língua Portuguesa desempenhar o ensino, pois é a favorecida em diversos livros educacionais. Para Antunes (2003), os conteúdos gramaticais devem vincular tanto os usos da língua oral quanto da escrita:

Além disso, estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do uso da língua oral e escrita e o da reflexão acerca desses usos. Afirmando que nenhuma atenção é concedida aos conteúdos gramaticais, na forma e na sequência tradicional das classes de palavras, tal como aparecia nos programas de ensino de antes (ANTUNES, 2003, p. 22).

Não que seja errado ampliar o conhecimento da gramática normativa, mas a escola dá a entender que só sabe a língua materna aquele que aprende as normas gramaticais, o que é desnecessário, principalmente, quando se sabe que a maioria da população não faz uso dessa gramática normativa em sua vida cotidiana, a não ser por uma causa formal, e quando se aplica, é apenas o básico.

Segundo afirma Faraco (2003, p. 162),

Falar é da essência de todo ser humano. É absurdo, portanto, dizer que alguém que fala uma determinada variedade estigmatizada da língua não sabe falar. O português popular é tão português (tão gramatical) quanto qualquer outra variedade da língua. Além disso, como vimos antes, ninguém fala sem gramática, sem ter um conhecimento linguístico registrado no cérebro.

Diante do que foi apresentado, nota-se que a fala é uma característica essencial muito importante na vida da sociedade, tão quanto a alimentação diária. Agora quando se trata de falar de forma diferente, não se pode afirmar que essa pessoa fala “errado”, só pelo fato de não obedecer a norma-padrão. Sabe-se que existe uma enorme variedade linguística, mas, mesmo assim, o próprio usuário da língua que utiliza o dialeto diferente de quem usa a norma padrão, tem em mente que fala errado devido a julgamentos exteriores. Pelo fato de existir uma norma-padrão, essa diversidade linguística é desvalorizada.

Segundo Faraco (2003), o indivíduo que fala o português não-padrão, e que usa esta língua, é visto como alguém que fala errado, não compreende a gramática normativa, ou seja, fala de maneira incorreta. Por outro lado, Coppi (2014, p.14) destaca:

[...] não se pretende renegar as formas linguísticas que antecedem às nossas. O conhecimento linguístico deve ser trabalhado de maneira sincrônica e diacrônica paralelamente, sem que haja separação, porém, o que não se deve permitir é que a escola continue com o ideal de “substituir” a forma linguística do educando por outras que não se aplicam mais, formas estas que em épocas distintas eram perfeitamente aceitáveis, mas que não se encaixam no padrão linguístico atual. Nessa perspectiva de trabalhar Língua Portuguesa em nossas escolas tendo como referência a norma culta real.

Assim sendo, sabendo que existe uma variedade linguística enorme, não deveria alguém afirmar que outro fala errado, mas sim dizer que fala de forma diferente. O fato de não ter tido uma boa oportunidade de aprender a usar a gramática normativa não faz ninguém melhor nem pior.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 15),

No caso brasileiro, o ensino de língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe ensinada de forma eficiente a norma-padrão.

A padronização exclui a diversidade da língua, descreve Faraco (2003), desse modo, resultando em um preconceito social, sem haver respeito pelas variedades linguísticas, quando, na verdade, as diferenças linguísticas e culturais deveriam ser reconhecidas como patrimônio e grandiosidade social.

Deste modo, é muito importante chegar a um consenso que seja a transformação em ambas partes e que venha como solução, pois até o presente momento, ainda se tem muitas dificuldades de conseguir desenvolver quando se trata do assunto da linguagem, por existir diferenças, querendo apagar marcas linguísticas, atropelando ou mesmo exterminando a diversidade linguística, não se pode querer de uma hora para outra mudar, é preciso respeito, principalmente por saber quais foram os motivos que levaram a diferença do dialeto de cada grupo social.

Diante do que foi apresentado, nota-se que existem grandes dificuldades no aprendizado da língua na instituição de ensino, mas não se pode culpar apenas o estudante por não conseguir alcançar o aprendizado que a escola lhe oferece, é preciso analisar quais são as metodologias aplicadas. Muitas vezes, o estudante fica desmotivado de querer dar continuidade os estudos, não por se achar incapaz, mas por ouvir comentários de professores, amigos e familiares que levam ao desestímulo.

De acordo com Faraco (2003), é preciso remodelar nossas gramáticas, e não deixar como algo feito apenas de maneira particular. É necessário deixar a gramática mais compreensível, mais fácil de ser compreendida pelos falantes da língua. É, de fato, improvável que um falante simples seja capaz de solucionar, por intermédio dela, uma dúvida da linguagem padrão.

A nossa língua é um agrupamento de diversidades, e, embora os falantes façam uso de variantes não padrão, essas variantes servem muito bem para a comunicação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito ainda se pode questionar e refletir sobre a importância dos estudos sociolinguísticos para o enfrentamento dos preconceitos linguísticos e sociais. É preciso destacar que esse tema é tão importante como qualquer outro que tenha por objetivo combater qualquer tipo de discriminação.

Sabemos que muitos usuários de variantes menos prestigiadas sofrem preconceitos linguístico e sociais diariamente, seja no ambiente escolar ou fora dele. É evidente que muitos dos que praticam essa discriminação sobre pessoas que falam “errado”, em grande parte, são aquelas que acreditam que, pelo simples fato de ter conhecimento da norma-padrão, isso faz dela uma pessoa melhor.

Muitos usuários da norma-padrão, infelizmente, não têm conhecimento sobre a variedade linguística, talvez por desinteresse, ou pela falta de conhecimento do tema que não lhe foi mostrando em sala de aula. Outro fato interessante, é que, também, muitos dos que têm pouco conhecimento da norma-padrão praticam o preconceito sobre outras pessoas mesmo não sabendo usar a norma corretamente e mesmo assim, em um momento ou outro, comete um deslize gramatical, mas acaba passando despercebido. Compreendemos, portanto, que uma das maneiras para se combater o preconceito linguístico e social é implantando essa temática na grade curricular da escola.

Os diferentes textos apresentados nos deixam evidente que a sociolinguística trabalha com um universo ilimitado de variedades linguísticas. Infelizmente, toda essa diversidade linguística ainda não se tornou parte efetiva da grade curricular, e a escola continua apresentando aos discentes somente o conhecimento da norma-padrão e ocultando as demais variedades.

A dificuldade do acesso à escola é outro fator que precisa ser pensado, assim como a necessidade de mudanças na metodologia adotada por muitos professores.

Por intermédio desta pesquisa, destacamos que inserir os conhecimentos da Sociolinguística no currículo escolar é um dos meios para se combater o preconceito linguístico e social.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARBOSA, Maria do Carmo. A sociolinguística e seu papel metodológico no ensino da linguagem oral. **WebArtigos**, 2008. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-sociolinguistica-e-seu-papel-metodologico-no-ensino-da-linguagem-oral/9229/>>. Acesso em: 17 out. 2019.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística. Uma Introdução Crítica**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2.ed. 2012, p. 141-156.
- COPPI, Danielle dos Santos Mendes. **O ensino de língua portuguesa e a questão do preconceito dialetal sob a ótica da sociolinguística**. 2014. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Interface Teórico-Prática para o Ensino de Língua e Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.
- CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Mosaico**, v. 16, n. 1, 2018.
- FARACO, Carlos Alberto. A variação linguística. In: _____. **Português: língua e cultura**. Curitiba: Base, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Trad. Gabriel de Ávila Othero. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem–ReVEL**, v. 5, n. 9, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 30, 1997.

NASCIMENTO, Larissa Lidiane. Sociolinguística: a linguagem usada no Whatsapp. **Anais da FUCAMP**, v. 3, n. 3, 2017.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel17_tabu_e_preconceito_linguistico.pdf> Acesso em: 20 out. 2019.

PAIVA, Maria Nágida da Silva, **Bode Gaiato**: uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático. f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - PROFLETRAS, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

REIS, Paula Cristina; MACHADO, Dinamara Pereira; BARBOSA, Siderly CDA. A Sociolinguística e o Ensino da Língua Materna. In: **X Congresso Nacional de Educação**. Curitiba. 2011.

SANTOS, André Poltronieri; ROMANO, Valter Pereira. Preconceito linguístico: Facebook & prescritivismo. **Revista Científica da FEPI-Revista Científic@ Universitas**, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, A. L. S. da. **Gíria LGBT como empoderamento linguístico**: a construção de sentidos no gênero "meme". 2018. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador dos céus e da terra, talvez essa força venha dele para mim em quase tudo em minha vida, e que me faz continuar acreditando em meus planos, apesar de existir algumas dificuldades. Gratidão por tudo.

Gratidão a minha mãe, Edileuza de Oliveira Souza, (costureira), mulher simples e guerreira, por me do todo apoio não somente aos meus estudos, mas a todo momento que precisei, sempre, esteve presente para me ajudar. Agradeço ao meu pai, José Alexandrino de Souza Neto, (Deca Alexandrino), por todo apoio e por sempre

querer o melhor para mim, gratidão. Aos meus irmãos, Daniel Souza, José Orlando e Maria Aparecida.

A minha Família, em especial, a Família materna por acreditar e me apoiar a todo momento. Agradecimentos aos meus avós paternos, aos meus avós maternos, especialmente, a minha avó materna, Dona Antônia, onde carinhosamente chamamos de (Mãe Tonha), mulher forte e guerreira, exemplo de pessoa, apesar de não ter estudo, me ensinou muito sobre a vida. Aos meus primos e primas, tios e tias, sobrinhos e sobrinhas por todo apoio e carinho, obrigado!

Agradeço a turma da (UEPB - 2014.2), aos amigos que sempre me apoiaram quando precisei, e pela amizade: Edilma, Alcielis, Jailton, Wedna, Juliana.

Aos amigos do (Busão) e do “grupo dos mestres em debate” (whatsapp): Claudiano, Jonildo, Aléf Mendes (Rafa), Betinho, Léo, Karol, Larissa, Thiago e Marcelo, por todo apoio. Também agradecer as amigadas e brincadeiras dos motoristas: Antônio (Pitú) e Alex. Aos amigos do (Portal Araçagi), Carlos Silva, Betinho Santos, Jéferson Procópio e Daniel Vieira.

Gratidão ao meu orientador Paulo Aldemir Delfino Lopes, pela paciência, disponibilidade e competência, mesmo estando bastante ocupado, não fez questão de ser meu orientador, colaborando com o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a paciência e disponibilidade da banca examinadora que foram escolhidos pela capacidade e competência: Professora Karla Vália por vários elogios, e principalmente, por me dá sugestões para melhorar ainda mais meu trabalho. Ao professor Rafael Oliveira, que esteve ausente, mas enviou o parecer com nota máxima e me colaborando com sugestões para aperfeiçoar o meu trabalho, Obrigado!

Agradeço a todos os professores do Campus III, que me colaboram na minha vida acadêmica. Também a todos os professores desde o pré-escolar ao ensino médio, todos colaboraram no desenvolvimento pessoal. E por fim, agradeço a todos os funcionários do Campus III – Guarabira. É preciso reconhecer a importância de todos os servidores que vai do faxineiro ao professor, pois todos são muito importantes para o funcionamento do Campus.

